

**A DINÂMICA GEOGRÁFICA DO TRABALHO ENCIMADA NAS  
MIGRAÇÕES SAZONAIS PARA OS CANAVIAIS DO PONTAL DO  
PARANAPANEMA (SP), NO INÍCIO DO SÉCULO XXI<sup>1</sup>**

**GEOGRAPHIC DYNAMIC OF WORK SURMOUNTED INTO  
SEASONAL MIGRATIONS TO SUGARCANE PLANTATIONS IN  
PONTAL DO PARANAPANEMA (SP) IN THE BEGINNING OF  
THE 21<sup>st</sup> CENTURY**

**LA DINÁMICA GEOGRÁFICA DEL TRABAJO EN REFERENCIA  
A LAS MIGRACIONES ESTACIONARIAS PARA LOS  
CAÑAVERALES DE PONTAL DEL PARANAPANEMA (SP), A  
INICIOS DEL SIGLO XXI**

**Fredi dos Santos Bento<sup>2</sup>**  
*fredi.sousuke@gmail.com*

**Antonio Thomaz Junior<sup>3</sup>**  
*thomazjr@gmail.com*

**RESUMO**

Nessa viragem do século XXI, percebe-se o avanço cada vez mais intenso e destruidor do capital sobre o trabalho, característica fundamental dos ambientes refeitos pela reestruturação produtiva. Esse processo expressa no território o conteúdo historicamente determinado das formas de dominação sobre os trabalhadores, sendo, pois, a precarização que se dá por meio da migração de trabalhadores, diante de poucas alternativas de sobrevivência, tanto nos núcleos urbanos como rurais do Nordeste e Norte de Minas Gerais para o Pontal do Paranapanema, em busca de melhores oportunidades. O objetivo principal deste trabalho é compreender a territorialização das migrações do trabalho para o capital no Pontal do Paranapanema. Dessa forma, queremos também analisar as estratégias do capital agroindustrial canavieiro para com os trabalhadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** migração do trabalho; trabalho; território.

**RESUMEN**

---

<sup>1</sup> Este trabalho é produto das reflexões empreendidas no projeto desenvolvido com fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), em nível de Iniciação Científica (IC), sob o processo:2014/09452-4, intitulado: Migrações de trabalhadores para o corte da cana-de-açúcar no Pontal do Paranapanema (SP), no início do século XXI, sob orientação do Professor Doutor Antonio Thomaz Junior. Também é produto dos resultados oriundos do Projeto Temático/FAPESP "Mapeamento e Análise do Território do Agrohidronegócio Canavieiro no Pontal do Paranapanema-São Paulo-Brasil: Relações de trabalho, conflitos e formas de uso da terra e da água, e a saúde ambiental" Processo FAPESP: 13/20781-7.

<sup>2</sup> Professor licenciado em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) UNESP, Campus de Presidente Prudente-SP.É também graduando do bacharelado em Geografia pela mesma instituição e membro do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT).

<sup>3</sup> Professor Doutor e Livre Docente pelo Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Campus de Presidente Prudente, sendo também pesquisador PQ-CNPQ.

A comienzos del siglo XXI se manifiesta con mayor intensidad y destructividad el avance del capital sobre el trabajo, característica fundamental de los entornos transformados por la reestructuración productiva. Este proceso expresa en el territorio el contenido históricamente determinado de las formas de dominación sobre los trabajadores, manifiesta en nuestro caso a través de la migración laboral, la cual se presenta como una de las pocas alternativas de sobrevivencia para los habitantes de ciudades y áreas rurales del noreste y norte de Minas Gerais que migran con destino al Pontal do Paranapanema (São Paulo) en busca de mejores oportunidades. El objetivo principal de este trabajo es comprender la territorialización de estas migraciones laborales para el Pontal do Paranapanema, analizando las estrategias del capital agroindustrial de la caña de azúcar y sus consecuencias en los trabajadores.

**PALABRAS CLAVE:** migración laboral; trabajo; territorio.

#### **ABSTRACT**

In this turn page of the 21<sup>st</sup> century, one can notice the increasingly rapacious advance of the capital over labor, fundamental characteristic of environments remade by the productive restructuring. This process expressed the contents of historically determined territory forms of domination over the workers, and it is therefore, on this account, the precariousness that is given through migration of workers, facing few alternatives for survival, both in the urban and rural areas, from Northeast and North of Minas Gerais to Pontal do Paranapanema, in search for improved opportunities to labor. The goal of this work is to understand the territorialization of labor migration for the purview capital in the Pontal do Paranapanema region, Sao Paulo state. Thus, we also want to analyze the strategies of the sugarcane agroindustrial capital to the workers.

**KEYWORDS:** labor migration; labor; territory.

#### **INTRODUÇÃO**

No Brasil tem se orquestrado nos últimos anos, o fortalecimento de um pacto de classes em torno de um modelo de desenvolvimento sustentado em torno do agronegócio exportador. Tal modelo nos impele de mostrarmos seus reais agravos para os trabalhadores, o que não deve perder de vista a perversidade do capital verificada nos quadros de desemprego em massa, expropriação da terra, informalização do trabalho, ocorrências de trabalho em condição análoga a escrava, ou em condições degradantes.

Entretanto, em meio a tantas possibilidades de recortes analíticos, perspectivamos abordar os principais processos em curso na configuração do fenômeno migratório do trabalho em algumas porções do território do Pontal do Paranapanema, sob o viés das contradições estruturais inerentes à dinâmica territorial do capital agroindustrial canavieiro, como traço característico da acumulação capitalista no meio rural brasileiro e as novas faces do conflito em torno da luta pela terra, sem perder de vista os conteúdos do controle social.

Para tanto, o processo diferencial que caracteriza a expansão recente da agroindústria canavieira no Pontal do Paranapanema indica dois setores demarcados do ponto de vista tecnológico. O setor Raposo Tavares e adjacências ao Sul, com dois eixos

demarcados, sendo, pois, Presidente Prudente, Caiabu, Martinópolis, Regente Feijó e Taciba, de um lado, e de outro Santo Anastácio, Marabá Paulista, Piquerobi e Presidente Venceslau. Destaca-se, pois, que em ambos a característica principal é a prevalência do corte manual da cana-de-açúcar. E o setor Sul, a contar com dois eixos, Sandovalina, Pirapozinho e Mirante do Paranapanema, e outro, Teodoro Sampaio, Euclides da Cunha e Rosana, onde se constata crescimento ano a ano do corte mecanizado da cana-de-açúcar.

Nesse sentido, o texto aqui construído faz parte das reflexões empreendidas em torno dos resultados de nossa pesquisa iniciada com o fomento PIBIC/CNPq, tendo continuidade no projeto FAPESP: Migrações de trabalhadores para os canaviais do Pontal do Paranapanema (SP) no início do século XXI, sob o processo: 2014/09452-4.

Para a obtenção dos mesmos, também merece destaque a revisão bibliográfica empreendida, bem como o diálogo com a população local dos municípios de enfoque citados acima, no intuito de compreender outra face do processo em estudo, que é a relacionada à visualização do trabalhador migrante sazonal pelos habitantes locais.

Procuramos assim, realizar entrevistas semiestruturadas junto aos representantes da esfera sindical e do poder público, todos a nível regional, na perspectiva de ao dar voz aos sujeitos, potencializar ainda mais a apreensão da dinâmica geográfica do trabalho. Aqui fazemos menção à importância da realização dos trabalhos de campo na área de pesquisa, destacando que esse é o diferencial para entendermos a dinâmica territorial do trabalhador migrante.

Com relação ao diálogo com os trabalhadores migrantes sazonais, fizemos uso da metodologia da história oral, bem como da produção de relatos orais e de entrevistas semiestruturadas, valendo a pena ressaltar que o trabalho com a história oral, assim como com relatos orais (entrevistas temáticas), necessitam que se exista por parte do pesquisador, respeito pelos sujeitos, assim como por suas visões de mundo. (ALBERTI, 2005).

O processo de saturação das informações obtidas a partir das entrevistas foi aplicado, tendo em vista o melhor tratamento dos dados. E, com relação à possibilidade de se utilizarem em alguns casos, trechos das transcrições, estabelecemos uma codificação no intuito de tornar mais simples a compreensão dos trabalhadores.

Tais procedimentos são importantes, dado que nos permitem refletir os tensionamentos que a expansão desmedida do agronegócio canavieiro tem causado para os trabalhadores, com as atenções para os migrantes, que cooptados pelos agenciadores nos locais de origem, acabam se submetendo a migração, que se traduz na apropriação perversa

de sua força de trabalho para o capital agroindustrial canavieiro, sofrendo assim a territorialização do capital desde o seu local de origem, com os reveses da expropriação/expulsão.

Desse modo, intentamos mostrar que o trabalhador migrante é uma das faces das formas de controle do capital sobre o trabalho, portanto não se restringe apenas à exploração propriamente, e por isso representando parte das fragmentações que o capital imprime sobre o tecido social. Isso nos leva a questionar qual o sentido dessas migrações? O que leva estes trabalhadores ao eito, e quais os objetivos traçados com a realização da migração? Quais os interesses do capital por trás desse processo? E de que forma ocorre o controle social destes trabalhadores? (THOMAZ JUNIOR, 2009).

### **OS CENÁRIOS DA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA E AS DISPUTAS TERRITORIAIS EMPREENDIDAS PELO CAPITAL**

Nos últimos anos, tem ganhado força o discurso em torno da perspectiva de se ter no agronegócio a saída para alavancar o desenvolvimento nacional. No entanto, diante desse quadro iminente de possibilidades para o desenvolvimento amparado pela exportação de *commodities*, tem sido ocultado não apenas os reais interesses do Estado, como também do próprio capital.

O discurso em torno do agronegócio, enquanto gerador de progresso e desenvolvimento traz ainda rebatimentos para o trabalho, produzindo sua fragmentação, heterogeneização e precarização. Encimados, pois, no controle e domínio de classe, a racionalidade presente na lógica do capital está encimada na busca por eficiência, na ampliação da produtividade e diminuição do tempo necessário de trabalho, produzindo assim, uma série de agravos para a classe trabalhadora (THOMAZ JUNIOR, 2009).

Todavia, quando falamos em classe trabalhadora, não estamos pensando apenas no proletariado e toda a complexidade presente em torno do mesmo, mas na possibilidade de entendermos enquanto classe, não apenas o proletariado, mas os camponeses, indígenas, quilombolas, terceirizados, subempregados, desempregados, e todos aqueles que de uma forma ou de outra, mesmo que em diferentes condições, vendem sua força de trabalho. (THOMAZ JUNIOR, 2006)

A territorialização da monocultura da cana-de-açúcar tem chamado a atenção por revelar o conteúdo e os significados do processo expansionista do agronegócio, criando em torno de si, um campo de disputas que lhe permite a monopolização cada vez

maior de áreas antes destinadas a outras atividades agrícolas, a exemplo das lavouras de subsistência dos camponeses.

A oposição entre trabalhadores e capital, acaba por revelar fissuras, tendo em vista a necessidade de terras planas, férteis e com disponibilidade hídrica, estando assim aptas para a mecanização, que nos revelam as disputas pelo território que se fortaleceram neste início do século XXI, aqui novamente colocando em jogo a expansão (extensão) do agronegócio, permitindo que o caracterizemos enquanto *agrohidronegócio*<sup>4</sup>. (THOMAZ JUNIOR, 2010).

O Pontal do Paranapanema tem sido alvo nos últimos anos da territorialização e do reordenamento territorial produzido pelo capital agroindustrial canavieiro, que deixaram (deixam) marcas claras no território, tendo em vista a amplitude das contradições apreendidas neste processo, numa região que historicamente é conhecida pelo *conflito*.

Dessa forma, quando falamos em Pontal do Paranapanema estamos considerando sua designação, segundo a Unipontal (União dos Municípios do Pontal do Paranapanema) que reúne um total de 32 municípios, localizados na 10ª R.A. (Região Administrativa), que compreende as microrregiões do Pontal do Paranapanema e da Nova Alta Paulista.

O Pontal do Paranapanema é uma região conhecida pelos conflitos que historicamente ocorrem na mesma, conflitos estes ligados ao processo de ocupação das terras na região, que transcorre desde o início do século XIX, de modo irregular, mantendo-se a existência de terras griladas. (LEITE, 1998).

Desse modo, a região é permeada pelo conflito, tendo o mesmo se ampliado a partir das décadas de 1970 e 1980, mediante a atuação ainda que pontual ou restrita a determinadas fazendas, dos movimentos sociais. Os conflitos sangrentos, que transcorreram na região nesse período, foram o estopim para o que viria a ocorrer a partir dos anos 1990. Isto é, a partir de então, as ações em torno da luta pelo acesso a terra, ou os latifúndios grilados, passaram a ser objeto de atuação de âmbito regional.

Destacam-se, então, as ações protagonizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na perspectiva da terra para quem nela trabalha, configurando-se a partir de então, de forma explícita, dois polos distintos, sendo, pois, um

---

<sup>4</sup> Em relação ao agrohidronegócio, deve se considerar a necessidade de amplo estoque de terras, que também chamam atenção por sua fertilidade, relevo adequado à mecanização das lavouras, bem como por sua disponibilidade hídrica e de força de trabalho. (THOMAZ JUNIOR, 2010)

encimado na aliança entre capital/Estado, legitimadora da grilagem na região, e outro na perspectiva dos camponeses e trabalhadores sem terra, com vistas à democratização do acesso à terra de trabalho.

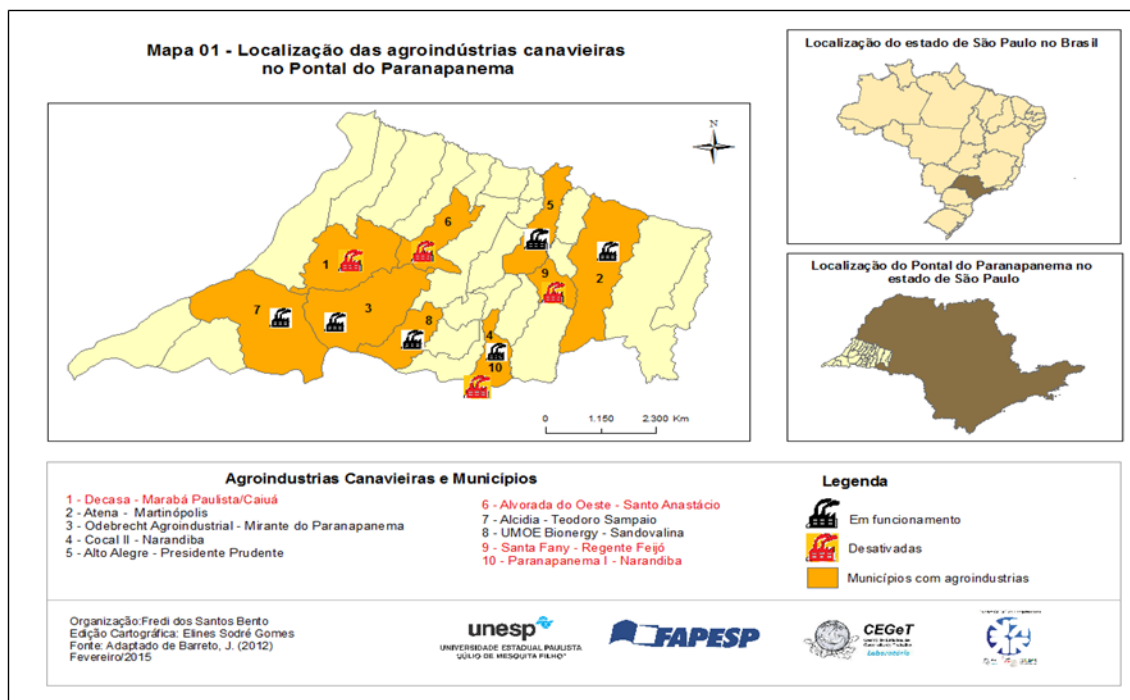
No entanto, nos últimos anos tem se evidenciado na região uma aliança entre a agroindústria canavieira e os latifundiários, sob a prerrogativa de se legalizar/legitimar o grilo, que tem imposto novos desafios para aqueles que buscam contrapor este modelo perverso que expropria, domina e controla a sociedade.

Em relação à agroindústria canavieira, Barreto; Thomaz Júnior (2012b) propõem a existência de dois momentos distintos que marcam a territorialização da cana-de-açúcar no Pontal, o primeiro durante o Proálcool, com a criação das primeiras usinas e destilarias na região, durante a década de 1970, e o segundo momento ocorrendo a partir de 2005, impulsionado pela produção dos carros *flex-fuel*.

A partir de 2005, novas unidades processadoras começaram a se instalar na região, sob o discurso da geração de empregos, da geração de desenvolvimento regional e no sentido de apagar a imagem da região, enquanto palco de conflitos em torno da posse da terra. (BARRETO; THOMAZ JUNIOR, 2012b)

Com a crise financeira mundial de 2008, o agrohidronegócio canavieiro em nível nacional sofreu um duro golpe, que promoveu a concentração e centralização no setor, provocando o fechamento de inúmeras unidades processadoras em todo o território nacional. No Pontal do Paranapanema, isso não foi diferente, pois algumas unidades processadoras, que tiveram sua abertura durante o período em que vigorou o Proálcool, passaram a operar em condições delicadas.

Nesse período, cresceram (crescem) os expedientes regressivos de utilização da mão de obra, a citar a colheita manual, que infligem à portaria que dispõe sobre as condições de trabalho no eito assinaladas na NR 31 (Normas Regulamentadoras), que junto com o fechamento de algumas unidades processadoras instaladas na região, caracterizam a situação da mesma. (Figura 01)



**Figura 01- Localização das agroindústrias canaveiras no Pontal do Paranapanema**

Fonte: Pesquisa de campo, 2014-2015.Org: BENTO, F.S.

Como podemos perceber na figura 01, quatro das dez unidades processadoras instaladas na região estão desativadas, a citar as unidades Santa Fany em Regente Feijó, Paranapanema I em Nandiba, que já se encontravam desativadas, e mais recentemente foram acrescidas as unidades Decasa em Marabá Paulista/Caiuá, e Alvorada do Oeste localizada em Santo Anastácio, sendo que ambas tem sido alvo de protestos, bem como da mídia local, por conta dos problemas relacionados ao não pagamento dos trabalhadores.

Essas unidades são consideradas obsoletas, tendo em vista outras unidades instaladas na região recentemente, como as do grupo Odebrecht Agroindustrial, que possui duas unidades, uma em Teodoro Sampaio (Alcídia), esta já existente desde o período do Proálcool, mas que foi revitalizada e outra em Mirante do Paranapanema (Unidade Conquista do Pontal), bem como o grupo norueguês Biofuel (UMOE), que se instalou no município de Sandovalina.

Uma das características registradas nesse período de crise financeira e por seguinte do setor canaveiro, é a disputa pelo arrendamento das terras, bem como pela própria área de atuação das empresas, o que acaba por opor os interesses dos grupos recentemente instalados, a exemplo da UMOE Bionergy e da Odebrecht Agroindustrial, e unidades que se encontravam em estado falimentar como a Decasa S/A (Figura 02).



**Figura 02- Planta industrial da Decasa S/A**

Fonte: Pesquisa de Campo (2014-2015). Autor: BENTO, F.S.

Barreto; Thomaz Junior (2012a) chama atenção para a questão do raio de ação das unidades processadoras, que extrapolam o município que conte com uma unidade, espalhando-se para os municípios vizinhos em que estariam localizados os canaviais, fonte de matéria-prima e de mão de obra para a unidade processadora.

Assim, podemos perceber a necessidade eminente de terras pelas unidades canavieiras, o que faz com que esses grupos disputem as mesmas terras, aquecendo o conflito regional, nesse caso, pela via das disputas intraburguesas. Todavia, levando a melhor, as mais tecnificadas, como Odebrecht Agroindustrial e UMOE Biofuel.

A crise no setor que afeta as unidades processadoras da região, também tem atingido a receita dos sindicatos, sendo exemplo o STR (Sindicato dos Trabalhadores Rurais) de Presidente Venceslau-SP, pois “60% da nossa receita, vinha da Decasa, sobrou 40%” (INFORMAÇÃO VERBAL, 2014)<sup>5</sup>.

No entanto, deve-se chamar atenção para as estratégias do capital agroindustrial canavieiro, que neste período de crise, passa a concentrar-se cada vez mais e isso fica evidente, quando pensamos não apenas na compra da matéria-prima das unidades em dificuldades, mas na própria disputa pelas terras destas unidades, que tem se intensificado nos últimos anos. (Figura 03)

---

<sup>5</sup> Entrevista realizada ao presidente do STR Presidente Venceslau, Rubens Germano, realizada em 06 de outubro de 2014.





**Figura 03- Cana da Decasa S/A sendo colhida pela Odebrecht Agroindustrial**  
Fonte: Pesquisa de campo (2013-2014). Autor: BENTO, F.S.

No entanto, quando pensamos o trabalho nos canaviais, não podemos deixar de questionar o pagamento por produção no corte manual da cana, e que por si só é uma das formas mais desumanas e perversas de remuneração do trabalhador, pois ao mesmo tempo em que se impõe ao trabalhador o controle sob o seu trabalho, o coloca na expectativa de ao produzir cada vez mais, aumentar o salário mensal, de modo que contraditoriamente, o capital amplia sobremaneira seus lucros, participando os trabalhadores assim, do que Thomaz Junior (2007) denomina de “bingo da morte”.

O que temos acompanhado no Pontal do Paranapanema, nos permite falar de um cenário de total desrealização do trabalho. É nesse contexto que um personagem tem ganhado ênfase com as mudanças ocorridas na agroindústria canavieira nos últimos anos, ou seja, o trabalhador migrante. Entretanto, tem se ampliado neste início do século XXI, a utilização da mão de obra migrante não apenas no Pontal do Paranapanema, mas em todo o Brasil.

No Pontal do Paranapanema, de um lado tem-se ampliado a mecanização da colheita da cana conjugada as estratégias pelo acesso a terra, que acabaram por destacar os grupos mais tecnicizados, por outro também tem crescido o quadro de precarização do trabalho na região, principalmente para com os grupos que não conseguiram (conseguem) acompanhar o avanço dos demais, que passam a disputar as terras destes, no intuito de absorvê-las e estender seu raio de ação. (BARRETO; THOMAZ JUNIOR, 2012a).

E é para estes grupos menos tecnicizados, que tem se direcionado as migrações do trabalho para o capital na região, sendo o trabalhador migrante uma das engrenagens que

movem o processo de reprodução ampliada do capital agroindustrial canavieiro, e que por si só faz parte do atual cenário da agroindústria canvieira, que tentamos apreender até aqui.

Para tanto, as migrações do trabalho para o capital, que se intensificaram na região neste início do século XXI, nos põem em xeque a perspectiva de desmistificar os reais significados da mesma não apenas para os sujeitos que realizam tais deslocamentos, mas para aqueles que direta ou indiretamente estão envolvidos na questão, tendo em vista enxergarmos o trabalhador migrante sazonal, enquanto parte da orquestração de interesses e estratégias do agronegócio canavieiro.

### **AS MIGRAÇÕES DO TRABALHO PARA O CAPITAL NO INÍCIO DO SÉCULO XXI**

Nesse início do século XXI, as distintas tramas sociais que se revelam para os trabalhadores, nos impelem a pensar nas diferentes formas de apreensão do momento histórico vivido. Ou seja, o caráter de regressão dos direitos e as vitórias da classe trabalhadora ao longo da história sendo postas em perigo.

Desse modo, tem chamado atenção as mais inúmeras formas de precarização do trabalho insurgentes, recriadas/reformadas no âmbito da voracidade expansionista do capital encimada na apropriação do trabalho excedente.

Thomaz Junior (2011) chama atenção para a nova polissemia que caracteriza o período, revelando que a migração do trabalho para o capital é resultado e resultante da desqualificação que vem ocorrendo em alguns setores e a qualificação em outros, sendo o trabalhador parte deste expediente de mudanças, ao ser obrigado a migrar constantemente em busca de melhores condições de vida.

No entanto, é preciso que realizemos as devidas mediações tendo em vista o Pontal do Paranapanema (SP), enquanto uma das rotas de destino dos trabalhadores migrantes advindos do Nordeste e Norte de Minas Gerais que tem se dado nos últimos anos, dadas as estratégias colocadas em ação pelo agrohidronegócio canavieiro, sendo uma das mesmas encimada nas migrações do trabalho para os canaviais na região.

Esse movimento é percebido na região, com maior força neste período de transição na agroindústria canvieira entre a colheita manual e a mecanizada da cana, tendo em vista a urgência dos protocolos firmados em torno do fim da realização da queima (despalha) da cana, o que nos permite questionar quais os sentidos da utilização da mão de

obra migrante, bem como os impactos gerados ao Pontal, enquanto parte das rotas migratórias do trabalho para o capital.

No entanto, ao falarmos do termo *migração*, temos que entender que o mesmo é marcado por inúmeros significados e sentidos, e que podem nos levar a diferentes leituras a respeito de um determinado fenômeno. Desta forma, é viável que nos situemos diante das inúmeras leituras existentes, sendo importante destacar que tipo de migrações nós estamos tratando aqui, que são as migrações *temporárias* ou *sazonais*, enquanto fenômeno que tem se destacado não só no Pontal do Paranapanema (SP), mas em todo o país, valendo a máxima de migrações do trabalho para o capital.

As migrações sazonais acabam por revelar o lado visível de fenômenos invisíveis, tendo em vista o trabalhador migrante, muitas vezes ter sido alvo de um processo que além de provocar sua expulsão (expropriação) de seu local de origem, muitas vezes acaba por atraí-lo para os lugares de destino, este é o caso do processo de desterritorialização e reterritorialização do trabalho, que envolvem os camponeses. (OLIVEIRA, 2009; GONÇALVES, 2001).

O migrar temporariamente acaba por envolver a passagem de um tempo a outro, dado que o migrante sazonal se caracteriza por “ser duas pessoas ao mesmo tempo, é sair quando está chegando e voltar quando está indo... é estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em nenhum” (MARTINS, 1988, p.45).

O trabalhador migrante então viveria duas situações, ao mesmo tempo em que manteria relações com os locais de origem, também constituiria novas relações no lugar de destino, o que acaba por configurar sua dupla personalidade. Entretanto, devemos entender que esta dupla personalidade que o envolve não é fruto de seu desejo, mas das próprias condições que enfrenta ao sofrer o processo migratório.

No entanto, apesar de enxergarmos nas migrações do trabalho para o capital, enquanto migrações forçadas, isso não nos impede de considerarmos a existência de outros fatores que acabam por se somar ao caráter perverso assumido nas migrações do trabalho, perspectivando aqui, o conhecimento em torno das trajetórias sociais travadas por esses trabalhadores, tendo em vista o migrante temporário ser um *inclassificável*. (SAYAD, 1998)

Com relação a esta questão, é vital que se entenda que a migração sazonal deixa marcas permanentes, pois o retornar periodicamente não garante que se possa efetivar a territorialização perdida no momento da partida, como assevera Martins (2002), pois ao

deixarem o local de origem, esses trabalhadores sofram o processo de desterritorialização do mesmo, como ficou expresso em nossos estudos no Pontal do Paranapanema.

### **AS MIGRAÇÕES DO TRABALHO PARA O CAPITAL: O PONTAL DO PARANAPANEMA (SP) EM CENA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI**

A expansão da agroindústria canavieira a partir de 2005 no Pontal do Paranapanema, expressa diversos significados para a classe trabalhadora. No entanto, o trabalhador migrante sazonal tem se assumido enquanto uma figura crucial nas estratégias de acumulação gestadas pelo setor.

Dessa forma, intentamos enxergar na utilização da mão de obra migrante não só o caráter estratégico do capital, mas também enquanto manutenção da regressividade da exploração da força de trabalho, encimada, pois, na remuneração por produção, nas jornadas extenuantes de trabalho, além de toda uma cooptação do trabalhador, no intuito de que este alcance índices de produtividade cada vez maiores.

Para Silva (2011a), esses trabalhadores carregam sobre si uma máscara de invisibilidade, tendo em vista o caráter de elevada segregação da força de trabalho que passa despercebido nos canaviais, bem como as condições de vida que os mesmos passam a ter ao chegarem aos locais de destino, tendo que residir em alojamentos cedidos pelas usinas ou em casas alugadas por si próprios.

No entanto, ao nos pautarmos em pesquisar o caso existente no Pontal do Paranapanema, pudemos empreender nossas análises em dois casos, dividindo assim nossas ações em dois eixos, compostos por três municípios de enfoque, sendo eles o eixo: Emilianópolis-Santo Anastácio-Presidente Venceslau e o eixo: Caiabu- Martinópolis, tal iniciativa vem no sentido de percebermos as convergências e peculiaridades do fenômeno migratório na região.

O eixo Emilianópolis-Santo Anastácio- Presidente Venceslau, tem se caracterizado pela presença significativa de trabalhadores migrantes nos últimos anos, presença que se deu de forma mais expressiva a partir de 2005, com a expansão do setor na região, e que vem diminuindo nos últimos anos, por conta da concentração e centralização de capitais no mesmo.

Para compreendermos o exposto acima, é viável postularmos que a escolha dos eixos<sup>6</sup>, também leva em consideração a área de influência e ação das unidades agroprocessadoras, o que nos permite analisar situações distintas tendo em vista o eixo Emilianópolis-Santo Anastácio-Presidente Venceslau, testemunhar o fechamento da Decasa S/A e a Alvorada do Oeste Ltda., intensificando a marca falimentar do setor na região.

Nessa perspectiva, pudemos perceber ao longo de pesquisas anteriores, a citar o fomento PIBIC CNPq, sob o processo: 119984/2012-1, que estas unidades em estado falimentar, são as que mais tem se utilizado da mão de obra migrante, diferenciando-se assim das unidades processadoras em melhor situação financeira, que tem um grau avançado de mecanização de suas colheitas.

Com relação à utilização do trabalho migrante sazonal nesse eixo, podemos perceber a existência daquilo que Melo (2008), separa em três categorias de trabalhadores migrantes, a citar o *trabalhador migrante temporário*, o *trabalhador migrante estabelecido*, e o *trabalhador migrante circulante*.

Entretanto, pudemos perceber que além das três categorias, o eixo Emilianópolis-Santo Anastácio-Presidente Venceslau, apresenta um estado de transição entre as mesmas, tendo em vista os trabalhadores migrantes temporários, advindos principalmente da região Nordeste e do Norte de Minas Gerais, tornarem-se migrantes estabelecidos, após permanecerem mais de três safras no Pontal do Paranapanema, mas voltarem a ser temporários, certo tempo depois ao ativarem novamente a sua migração.

Todavia, originários principalmente da região Nordeste, esses trabalhadores chegam entre os meses de março e maio, dada a oportunidade de trabalhar durante a safra nos canais da região, prevalecendo o caráter das redes sociais e de solidariedade entre os mesmos, como também das redes existentes entre os agenciadores, que permitem que se deem os deslocamentos dada à abertura de oportunidades de trabalho no Pontal do Paranapanema.

Ao chegarem aos municípios, esses trabalhadores residem em casas alugadas por si próprios, em condições de certa precariedade, dado o número de trabalhadores

---

<sup>6</sup> A perspectiva de separar nossa análise em torno das migrações do trabalho para o capital no Pontal do Paranapanema em eixos, leva em consideração as diferenças na situação das unidades processadoras, sua área de ação, como também a presença sindical nessas áreas.

alojados e o tamanho das residências, sendo que boa parte dessas casas (Figura 04), está concentrada em áreas periféricas do mesmo, a exemplo do bairro Vila Maria.

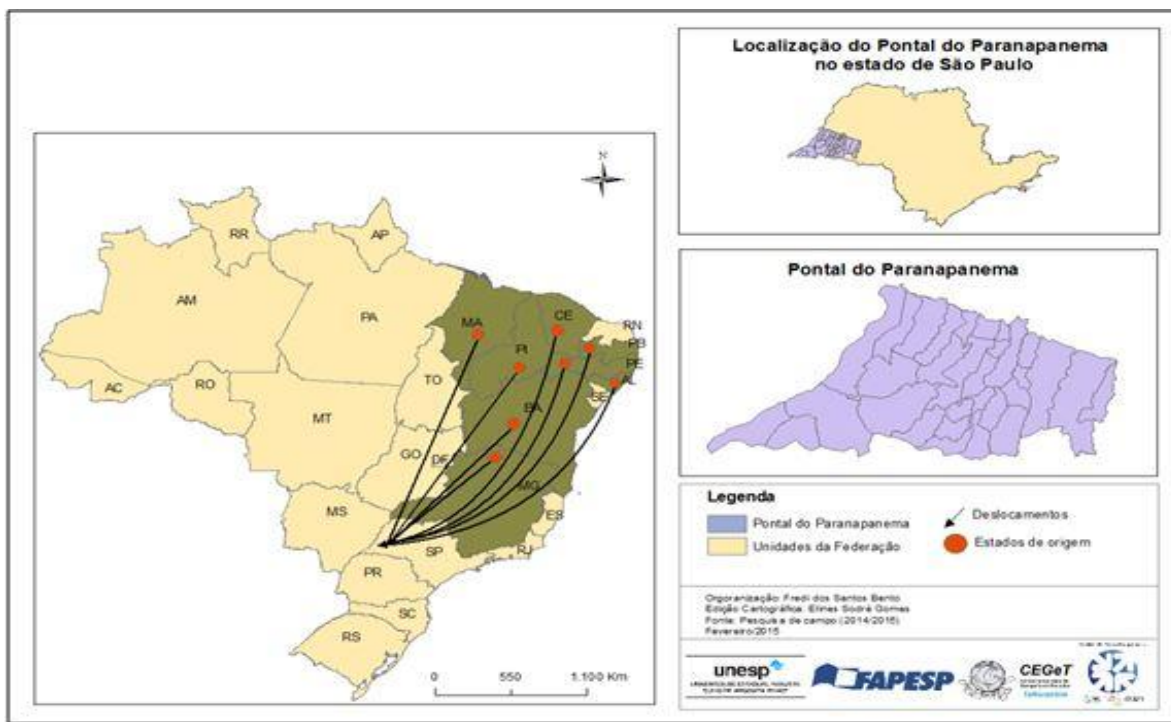


**Figura 04- Casas alugadas pelos trabalhadores migrantes em Emilianópolis-SP entre 2008 e 2014**  
Fonte: Pesquisa de campo (2014-2015). Autor: BENTO, F.S.

Em relação aos locais de origem, é factível destacar a forte presença de migrantes advindos de municípios como Bom Jesus da Lapa-BA, Paratinga-BA, Sítio do Mato-BA, Codó-MA, Montezuma-MG, Santo Antônio do Retiro-MG etc., mas deve se levar em consideração também a participação mineira nas migrações sazonais nesse eixo, quando consideramos o município de Presidente Venceslau, que tem recebido trabalhadores do Norte do estado.

Porém, a presença dos trabalhadores migrantes sazonais, também está ligada a expropriação das possibilidades dos filhos de permanecerem nas terras, como afirma Oliveira (2001), o que percebemos empiricamente, tendo em vista a existência de trabalhadores que migram no intuito, não de permanecer na terra, mas de conseguir adquirir a mesma.

Aqui se faz valer mais uma vez, o caráter das redes sociais, que permitem que esses trabalhadores obtenham informações do que acontece em seus locais de origem, através de trabalhadores recém-chegados, bem como o oposto é verdadeiro. Por meio da Figura 05, podemos compreender a dimensão territorial das migrações sazonais para o Pontal do Paranapanema (SP), tendo em vista a forte influência das redes migratórias, no traçado das rotas migratórias para a região.



**Figura 05-Migração do trabalho para o capital nos canaviais do Pontal do Paranapanema-SP, no início do século XXI**

Fonte: Pesquisa de campo, 2014-2015.Org: BENTO, F.S.

Com o fechamento de duas das unidades agroprocessadoras existentes nesse eixo de análise, a se ressaltar a Decasa S/A e a Alvorada do Oeste Ltda, começa a se configurar uma nova fase do processo de expansão do capital agroindustrial canavieiro nos municípios que compõem esse eixo migratório, tendo em vista as consequências da troca do controle das mesmas, ou seja, dos grupos empresariais originários, para a Odebrecht Agroindustrial.

Nesse sentido, é importante também considerarmos as estratégias do setor agroindustrial canavieiro, com as unidades processadoras mais tecnificadas ampliando seu raio de ação, e passando a alterar as rotas de oferta de trabalho na região, tendo em vista não apenas o trabalhador migrante encontrar dificuldades ao buscar se empregar no setor, como também os trabalhadores regionais, que passam a deslocar-se para áreas cada vez mais distantes, para manterem-se vendendo sua força de trabalho de forma precária para os grupos usineiros que ainda fazem uso da realização das colheitas manuais.

Um aspecto importante a se destacar, se dá pela expectativa com os cursos de capacitação, tendo em vista os trabalhadores terem a esperança de que ao realizá-los poderão compor parte do quadro de empregados do capital agroindustrial canavieiro,

entretanto bem sabemos que este é mais um discurso, dado que não podemos achar que há (haverão) vagas para todos os trabalhadores antes pertencentes ao corte manual.

No entanto, faz parte de nossas investigações no período atual o fato de o trabalho no corte mecanizado, não representar a melhoria das condições de trabalho, nem mesmo a amenização do mesmo, tendo em vista todo um caráter flexível da jornada de trabalho desses trabalhadores, que além de não terem o domingo, enquanto dia de descanso, ainda são obrigados a trabalhar no período noturno, com mudanças constantes nos horários de trabalho, sob a perspectiva do rodízio realizado.

A utilização das máquinas colheitadeiras não significa assim, a humanização do trabalho, tendo em vista que é nas jornadas de trabalho noturnas, que ocorrem mais acidentes relacionados ao corte mecanizado, isso se dá principalmente pela própria jornada, realizada em forma de rodízio que obriga os trabalhadores a terem de cumprir turnos alternados, podendo trabalhar durante uma mesma semana em três períodos diferentes. (MENEZES; SILVA; COVER, 2011; SCOPINHO et al., 1999)

Scopinho et al. (1999) destaca que com a utilização do corte mecanizado, diminui o número de acidentes nos canaviais, porém amplia sua gravidade, tendo em vista que diminui a carga física sobre os trabalhadores, mas amplia-se a carga psíquica, os tornando susceptíveis a acidentes principalmente no período noturno.

Nesta perspectiva, faz parte de nossa investigação continuar analisando as contradições existentes para com o novo cenário que se apresenta na região, dado o fechamento de unidades processadoras, enquanto parte do processo de concentração e centralização do capital agroindustrial canavieiro na região, bem como as alternativas encontradas pelos trabalhadores diante do novo quadro.

Em contrapartida, diferente do que pudemos expor em torno do eixo Emilianópolis-Santo Anastácio-Presidente Venceslau, o eixo Caiabu-Martinópolis apresenta algumas diferenças ligadas ao jogo de interesses do capital agroindustrial canavieiro, que dão o tom das relações travadas em torno do mesmo, como também semelhanças.

As semelhanças se pautam pelo tipo de trabalhador migrante encontrado no município de Caiabu, tendo em vista o mesmo ser caracterizado enquanto um município que também tem sofrido o processo de transição ressaltado antes, apresentando assim um número considerável de migrantes estabelecidos, principalmente advindos do estado da Paraíba.



Todavia, em Martinópolis, pudemos detectar uma situação adversa relacionada à própria forma de contratação dos trabalhadores, bem como a vinda dos mesmos para os canaviais, pois diferente do que expomos com relação ao município de Emilianópolis-SP, as migrações do trabalho para o capital tem se dado encimadas na própria emergência do capital agroindustrial canavieiro de manter esse tipo de mão de obra para os seus canaviais.

Esses trabalhadores ao chegarem ao município, passam a viver em alojamentos “repúblicas de trabalhadores”, cedidas pela usina, sendo uma continuação do que se observa nos canaviais, tendo em vista o caráter cooptativo e de vigilância constante se manter, e que nos permitem questionar o caráter punitivo dos alojamentos, tendo em vista os trabalhadores terem de seguir uma série de normas de convivência e de comportamento, sob o perigo da vigília constante. (SILVA, 2004; FOUCAULT, 1999)

Com relação a esse caráter punitivo, podemos questionar ainda de que modo o mesmo esbarra nas estratégias dos trabalhadores, bem como na própria constituição das redes sociais de solidariedade entre eles, tendo em vista considerarmos os alojamentos também enquanto seu caráter disciplinador, pois o trabalhador deve cumprir uma série de regras que permitem que o mesmo torne-se ainda mais submisso as diligências da empresa.

No entanto, a submissão do trabalhador na verdade começa desde que o mesmo aceita vender sua força de trabalho, ainda nos locais de origem no processo de agenciamento pelo gato, pois faz parte das estratégias do capital agroindustrial canavieiro se utilizar da mão-de-obra migrante, não só pelo caráter produtivo dos mesmos, como também da passividade que os cerca por conta da necessidade da oferta de emprego realizada.

Com relação ao gato, como percebido durante nossas entrevistas a campo, há um caráter seletivo do mesmo para com os trabalhadores que ele trará. Tal caráter leva em conta não apenas a produtividade e força física, pensando aqui o ‘bom cortador’, como também o caráter submisso desses trabalhadores, tendo em vista ele não vir a prejudicá-lo, e nem dar prejuízos para a usina. Pudemos constatar que as casas “repúblicas de trabalhadores”, são locais não só de dormitório e vivência, como também de criação de relações sociais entre esses trabalhadores, ao se conhecerem em Martinópolis. (Figura 06)



**Figura 06- Repúblicas de trabalhadores migrantes em Martinópolis-SP**

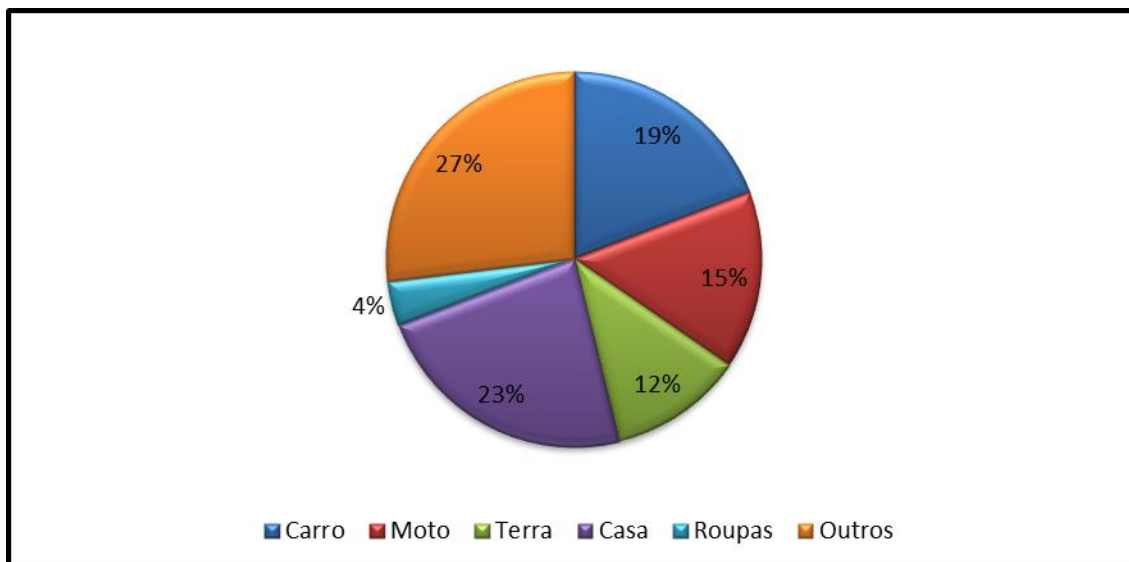
Fonte: Pesquisa de Campo (2014-2015). Autor: BENTO, F.S.

Além do controle realizado pelo gato, esses trabalhadores também sofrem a ação de funcionários da usina, que constantemente realizam visitas nos alojamentos. Todavia, o gato também poder interferir em favor ou contra determinado trabalhador, o que nos permite entender sua dupla personalidade, ao mesmo tempo em que é considerado alguém a quem recorrer pelos trabalhadores, é também elemento de confiança das usinas no intuito de manter o disciplinamento dos trabalhadores.

Vale se destacar que o gato muitas vezes é um ex-trabalhador que migrou anteriormente para os canaviais paulistas e estabelecendo contato com as usinas, acaba por ser eleito agenciador de mão de obra no seu local de origem. No entanto, é comum nesses locais, que sejam realizados anúncios em rádios locais, bem como em carros de som nas ruas, a existência de oportunidades de emprego para as mais diversas atividades, destacando-se a oferta de mão de obra para as grandes obras pública que remetem ao PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) 2 e para o agrohidronegócio canavieiro.

Em relação aos trabalhadores, a média de idade dos mesmos está na faixa dos 18-35 anos em sua maioria, mas também encontramos trabalhadores com até 51 anos, valendo se ressaltar o número de safras realizadas por estes.

Nessa perspectiva, a faixa etária é fator crucial na identificação dos objetivos dos trabalhadores no migrar, pois dentre os objetivos está não apenas o salário, como também a perspectiva de se aferirem bens a exemplo de motos, carros, bem como casas, terras ou terrenos, além de ajudar a família. (Figura 07).



**Figura 07- Gráfico dos principais bens desejados pelos trabalhadores migrantes**  
Fonte: Pesquisa de Campo (2014). Org: BENTO, F.S.

Com base no Gráfico 01, podemos perceber dois polos opostos, tendo em vista a perspectiva de se adquirir um carro, quando 19% dos entrevistados confirmaram, e a da construção da casa por 23%, chamarem atenção para a diferença nos objetivos ao migrar, pois enquanto entre os trabalhadores solteiros e consequentemente mais jovens, na faixa etária até os 30 anos, os objetivos girem em torno da compra de carros, motos (Figura 08), além de roupas, para os trabalhadores casados os objetivos se dão em torno da construção ou compra da casa, bem como na necessidade de adquirir um pedaço de terra.



**Figura 08- Motocicleta de um dos trabalhadores migrantes resultado de safras anteriores**  
Fonte: Pesquisa de campo, 2014-2015. Autor: BENTO, F.S.

Com relação aos trabalhadores mais jovens, é possível se perceber que as mercadorias mais que uma marca, imprimem um disfarce, e conseqüentemente o parecer àquilo que não se é, no intuito de se sentirem incluídos mesmo que precariamente na sociedade em que vivem. Desse modo, a mercadoria funciona enquanto uma espécie de fetiche, que não apenas os corrompe como também aciona o detonador para que produzam cada vez mais na esperança de adquirirem as mesmas. (SILVA 2011b; MARTINS, 2002)

Nos chama atenção também, o grau de flexibilidade em torno das migrações estabelecidas por esses trabalhadores, pois o grau de plasticidade do trabalho, e aqui fazendo uso do exposto por Thomaz Junior (2009), dado esses trabalhadores se caracterizam pela constante mudança de lavra, de acordo com a rota migratória traçada.

Num determinado ano podem trabalhar nos canaviais do Pontal do Paranapanema, em outro, colher laranja em Limeira-SP ou café no Triângulo Mineiro, ou ainda, trabalhar de servente de pedreiro em Montes Claros-MG, ou pode não migrar e permanecer no local de origem seja cuidando da roça, ou fazendo bicos, como foi ressaltado por esses trabalhadores, o que para nós caracteriza um eterno trânsito de funções, que nos remetem a máxima em torno da plasticidade do trabalho desempenhado pelos mesmos.(Figura 09)



**Figura 09- Funções desempenhadas pelos trabalhadores migrantes sazonais**

Fonte: Pesquisa de Campo (2014-2015). Autor: BENTO, F.S.

Desse modo, o trabalhador migrante é conhecido também pelas mais diferentes formas pelas quais submete sua força de trabalho, sendo interessante destacar na figura 09, as funções de carvoeiro dado o alto grau de precarização do trabalho existente na mesma, bem como o quadro de trabalho semidegradante a que se submetem nos canaviais paulistas.

Assim, podemos perceber diferenças e semelhanças entre os eixos migratórios Emilianópolis-Santo Anastácio-Presidente Venceslau e Caiabu-Martinópolis, e uma delas se dá em relação aos alojamentos, (Figura 10), pois diferem bastante das casas alugadas pelos próprios migrantes, porém apesar das diferenças, o que fica neste momento são as semelhanças, tendo em vista estarem encimadas na exploração da mão de obra desses trabalhadores, o que nos permite falar em trabalho precarizado, dada a cooptação dos mesmos pelo capital agroindustrial canavieiro, no intuito de obrigarem direta e indiretamente os mesmos a produzirem cada vez mais, sendo o pagamento por produção o ponto alfa dessa estratégia.



**Figura 10- Quarto em “república de trabalhadores” em Martinópolis**

Fonte: Pesquisa de Campo (2014-2015). Autor: BENTO, F.S.

Dessa forma, o exercício que realizamos até aqui nos permite emprendermos uma discussão em torno de inúmeras questões que se fazem perceber no momento, a exemplo do caráter de submissão do trabalho ao capital nos canaviais do Pontal do

Paranapanema, buscando assim desvendar as marcas geográficas existentes através do exercício que nos propusemos realizar, tendo se dado até aqui o suporte necessário para emprendermos tal discussão.

### **APONTAMENTOS PARA A "LEITURA" DA DINÂMICA GEOGRÁFICA DO TRABALHO NO ÂMBITO DAS MIGRAÇÕES DO TRABALHO PARA O CAPITAL**

Nesse início do século XXI, tem-se ampliado a desrealização do trabalho, dada sua fragmentação, heterogeneização e precarização e que nos permitem analisarmos esse fenômeno sintonizados numa leitura crítica em respeito das marcas territoriais e sociais que se fazem perceber com o avanço do projeto imperial do capital encimado na classe trabalhadora.

Todavia, como já destacamos anteriormente, vive-se um quadro de desrealização do trabalho não apenas na região, como em toda a sociedade do capital, em que tem ganhado ênfase o caráter abstrato do trabalho realizado, marcado ainda por um ambiente de sujeição e exploração dos trabalhadores, que trazem reflexos nas próprias lutas empreendidas pelos mesmos, na configuração de sua apropriação territorial que por si só é contrária à realizada pelo capital. (THOMAZ JUNIOR, 2007)

Em meio a essas contradições, tem nos chamado a atenção à figura do trabalhador migrante sazonal, que como vimos até aqui, além de mão de obra barata e descartável para o capital canavieiro, faz parte da racionalidade do capital, tendo em vista as estratégias que visam acumulação de capital se dar encimada nos mesmos.

Assim, além de principal protagonista do quadro de desrealização do trabalho nos canais do Pontal do Paranapanema, tendo em vista não só as estratégias do capital canavieiro, como também a própria (des) representatividade pela esfera sindical para com os mesmos, nos permitem vê-los enquanto engrenagens vitais da máquina de acumulação do capital agroindustrial canavieiro.

O trabalhador acaba então estando alienado de si mesmo, ou seja, alienado de sua produção, pois o não reconhecimento enquanto produtor de riqueza para o capital agroindustrial canavieiro os torna passivos a realização de um trabalho desprovido de significado para si, acometendo-se assim uma situação de barbárie, em que seu trabalho passe a ser para ele apenas uma forma de aferir renda no fim do expediente, sendo enfim uma mercadoria que precisa ser trocada por outra. (MENEGAT, 2006)

Para com essa questão, podemos entender não apenas o caráter predatório da relação estabelecida entre o capital usineiro e esses trabalhadores, como também a própria usurpação desses trabalhadores de si mesmos, esta que ocorre não apenas dentro dos canaviais, como também em seus momentos livres, e que como apresentamos anteriormente, são marcados pelo medo contínuo da demissão.

Cria-se então diante do trabalhador migrante, a cristalização dos seus interesses que deve ser atrelada aos interesses do capital usineiro, nos remetendo assim a relação fundada na despersonalização desse trabalhador, que afeta não apenas o seu ser em si, como também a própria relação estabelecida com os demais companheiros de trabalho, impedindo assim o seu reconhecimento enquanto classe para si. (ANTUNES, 2000)

Afinados em torno dessa questão, podemos enxergar um processo (des) identidade de classe, como nos fala Thomaz Junior (2009) dado não apenas a despersonalização dos mesmos, que com a intensa mudança de funções nos remete a expressão plasticidade do trabalho como ressaltado anteriormente, dados os agravos que a mudança constante de funções realiza, nos permitindo perceber que a apropriação territorial realizada pelos mesmos, passa a ser comprometida por conta de um estado em trânsito a que vive essa mão de obra.

E com relação a esse estado em trânsito nos referimos à constante mudança de funções, de representações sindicais, o que amplia ainda mais o processo de fragmentação do trabalho, dada mudança constante de lavra que os torna ainda mais frágeis às estratégias do capital canavieiro.

Nessa perspectiva, podemos enxergar o trabalhador migrante enquanto um participe do que Thomaz Junior (2009) considera enquanto trabalho mutante, dada as novas configurações territoriais que se fazem em torno desses trabalhadores, tendo se em mente a constante mudança de forma de seu trabalho, bem como as disputas territoriais que se dão em meio a esses trabalhadores.

Ao trabalharmos essas questões estamos chamando atenção para o estranhamento vivido por esses trabalhadores nos canaviais, entendendo o estranhamento não apenas enquanto barreiras que obstaculizam o desenvolvimento de si, como também o fato de o trabalhador não se reconhecer nos resultados de sua atividade. (ANTUNES, 2000; RANIERI, 2001)

É importante tomarmos esclarecimento dessas questões, pelas próprias peculiaridades em que se encontram os trabalhadores migrantes sazonais, pois além de



estranhados de sua atividade, não se reconhecendo enquanto produtores da mesma, tem ainda sobre si e em torno de seus desejos e objetivos no ato migratório, a submissão em torno das mercadorias desejadas que como postulamos anteriormente, exercem certo fascínio sobre esses trabalhadores.

Para tanto, ficou evidente nas entrevistas o próprio caráter de desgosto em relação à atividade desempenhada, de modo que apesar de enxergarem na colheita da cana a oportunidade de mudança de vida e de aferir melhoras para sua família, a mesma não lhes é satisfatória, o que nos remete não apenas a precariedade em torno da atividade desempenhada, como a própria insatisfação com um trabalho que não lhes acrescenta um sentido.

O trabalho realizado pelos mesmos pode então ser visto enquanto uma mercadoria, que dados os obstáculos que o constituem, acaba por impedir a própria efetivação do homem enquanto ser genérico para si, ou seja, sua relação enquanto gênero vivo, o que implica no processo de não reconhecimento não apenas de seu papel enquanto produtor de trabalho, como também dos produtos de seu trabalho, distanciando-o da *omnilateralidade* humana. (RANIERI, 2001; ANTUNES, 2004)

Assim, “quanto melhor formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador... quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna” (ANTUNES, 2004, p.179).

O trabalho estranhado ao promover a desumanização do homem, ataca também o que Alves (2013) postula enquanto atributos fundamentais da pessoa humana, a citar sua individualidade, subjetividade e alteridade, promovendo assim o desencontro não apenas entre o homem em si mesmo, como para si e para com os outros, sendo exemplo à própria transformação da individualidade humana em individualismo na sociedade do capital e a captura de sua subjetividade. (ALVES, 2013)

Todavia, o trabalho estranhado nos permite pensar o exposto por Antunes (2004) em torno da vida reduzida, concebendo-a enquanto redução do tempo de vida a tempo de trabalho, promovendo assim a “corrosão da pessoa humana”, e que no caso dos trabalhadores migrantes sazonais se intensifica dado o fato do mesmo ser caracterizado enquanto mão de obra barata sujeita a descarte a qualquer momento, e que nos põe a retomar a discussão em torno do caráter transitório não apenas de seu deslocamento, como também das atividades laborais a que se submete. (ALVES, 2013)



Entretanto, são muitas as formas de submissão a que o trabalhador migrante sazonal se encontra nos canaviais do Pontal do Paranapanema, desde a cooptação nos alojamentos, até mesmo durante a atividade laboral no eito, devendo se destacar a estratégia do capital usineiro em fazer com que o trabalhador sinta-se parte da usina, ou seja, sinta-se agradecido pela oportunidade de trabalho e não só, que ele também passe a se ver enquanto a empresa.

Dessa maneira, é preciso que nos sintonizemos nas mudanças empreendidas pelo capital agroindustrial canavieiro na região nos últimos anos, dado os sentidos para com os trabalhadores, valendo-se considerar as distintas tramas territoriais que se fazem construir nesse processo, e que nos permitem falarmos numa dinâmica geográfica do trabalho.

Porém, é imperioso que consideremos o estranhamento, bem como o processo de captura da subjetividade, pois se fazem mais fortes quando pensamos a figura do trabalhador migrante sazonal, e que pela própria situação vivenciada pelos mesmos, que além de impedi-los de se reconhecerem enquanto partícipes do produto realizado e da produção por si só, ainda não se reconhecem enquanto classe na luta por seus direitos.

Isso ficou evidenciado na própria relação com os agentes do capital usineiro e aqui estamos falando não apenas dos fiscais e agenciadores, como da própria organização sindical, pois a mesma também faz parte das estratégias do capital usineiro, dada os acordos realizados entre as bases sindicais e a usina, que resulta quase sempre em prejuízo para os trabalhadores, embora haja exceções e aí pensarmos nos sindicatos combativos.

Essas questões nos possibilitam buscar correlações entre o trabalho realizado pelos trabalhadores migrantes, e a apropriação territorial realizada, dado o quadro apresentado, pois a mesma acaba por ser incompleta pelo fato de ser feita encimada na territorialização do capital que se acomete sobre os mesmos desde os locais de origem, e amplia-se quando eles ativam o processo migratório.

Assim, todas essas discussões compõem o que estamos chamando aqui de dinâmica geográfica do trabalho, embora não tenhamos a pretensão de criarmos uma sistematização para o conceito, temos que entender sua materialização, dada a espacialidade do mesmo, que pode ser lida não apenas nas contradições empreendidas pelo agrohidronegócio canavieiro no Pontal do Paranapanema, como na própria transfiguração do trabalhador e de seu trabalho, que se materializa e nos põe a pensarmos alternativas para o momento vivido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de não termos nem de longe esgotado as discussões em torno da realidade materializada nos canaviais do Pontal do Paranapanema, acreditamos sair fortalecidos para a compreensão de outras questões que se avolumam nesse momento, principalmente pelo período vivenciado pelo agrohidronegócio canavieiro na região, e que nos possibilita novos questionamentos e significados para a classe trabalhadora, tendo em vista as marcas territoriais produzidas e os tensionamentos que nos permitem avançar na compreensão da dinâmica geográfica do trabalho.

Dessa forma, as migrações do trabalho para o capital além de poderem ser pensadas enquanto uma das faces desse processo, ainda explicitam o caráter móvel da força de trabalho explorada pelo capital, que ao chegar aos canaviais do Pontal do Paranapanema, passam a fazer parte do quadro conflituoso existente na região, sendo parte assim das disputas territoriais feitas e (re) feitas na região dada à configuração territorial existente, com a formação de alianças não apenas entre o agronegócio canavieiro e o latifúndio grilado, mas o próprio extravasamento para a classe trabalhadora, dada a cooptação da organização sindical e a fragmentação, heterogeneização e precarização do trabalho na região.

Assim, ao tomarmos ciência não só das contradições que permeiam a classe trabalhadora, e aqui nosso esforço na compreensão da mesma no Pontal do Paranapanema dado todo um espectro de contradições, nos sentimos estimulados a contribuir em torno de um modelo alternativo ao que está posto, tendo em vista este trazer regressão, precariedade, fragmentação, heterogeneização e a destituição dos trabalhadores enquanto tais. Sabemos, porém, das dificuldades da empreitada e que esse é um caminho arduo a ser traçado, sendo as investigações produzidas pelas pesquisas realizadas, o alicerce na construção não apenas teórica como também prática em torno de uma alternativa.

E a partir do quadro projetado no Pontal do Paranapanema é que nos sentimos instigados a somar forças com os movimentos sociais que exercem a luta pela terra, bem como para com as bases sindicais combativas, na perspectiva de entendermos que um modelo alternativo ao que está posto não é apenas possível, como também viável e necessário!

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. São Paulo: Editora da FGV, 2005, 234p.

ALVES, Giovanni. Produção do capital, afirmação e negação da pessoa humana. In: **Dimensões da precarização do trabalho**. 1. ed. Bauru: Práxis, 2013, 257p.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho**: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 6. ed. São Paulo: Cortez:UNICAMP, 2000, 155p.

\_\_\_\_\_. (org.). **A dialética do trabalho**: escritos de Marx e Engels. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004, 195p.

BARRETO, Maria Joseli; THOMAZ JÚNIOR, Antonio a. O cenário do agronegócio canavieiro na região do Pontal do Paranapanema-SP. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 21, 2012, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: [s/n], 2012.

\_\_\_\_\_.b. Os impactos territoriais da monocultura da cana-de-açúcar no Pontal do Paranapanema-SP. **Revista Pegada**, Presidente Prudente, vol.13, n.2, p.46-68, dez., 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 1999, 262p.

GONÇALVES, Alfredo José. Migrações internas: evoluções e desafios. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.15, n.43, p.173-184, 2001.

LEITE, José Ferrari. **A ocupação do Pontal do Paranapanema**. 1.ed. São Paulo: Hucitec: Fundação UNESP, 1998, 202p.

MARTINS, José de Souza. O voo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: **Não há terra para plantar neste verão** (O cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo). 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1988, p.44-61.

\_\_\_\_\_.**A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, 228p.

MELO Beatriz Medeiros de. **Migração, memória e território**: o trabalhador rural nordestino na Ibaté Paulista. 2008.221f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

MENEGAT, Marildo. **O olho da barbárie**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006, 351p.

MENEZES, Marilda Aparecida de Menezes; SILVA, Marcelo Saturnino; COVER, Maciel. Os impactos da mecanização da colheita da cana-de-açúcar sobre os trabalhadores migrantes. **Revista Ideias**, Campinas, nova série, n.2, p.60-87, 1º semestre, 2011.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A agricultura camponesa no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001, 164p.

OLIVEIRA, Ana Maria Soares de. **Reordenamento territorial e produtivo do agronegócio canavieiro no Brasil e os desdobramentos para o trabalho**. 2009. 571f. Tese (Doutorado em Geografia)- Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

RANIERI, Jesus. **A câmara escura**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2001, 174p.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1988, 299p.

SCOPINHO, Rosemeire Aparecida et al.. Novas tecnologias e saúde do trabalhador: a mecanização do corte de cana-de-açúcar. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol.1, n.15, pág.147-161, jan-mar, 1999.

SILVA, Maria Aparecida de Mores. Se eu pudesse eu quebraria todas as máquinas. In: ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria Aparecida de Moraes (orgs.). **O avesso do trabalho**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004, 408p.

\_\_\_\_\_. a.O trabalho oculto nos canaviais paulistas. **Revista Perspectivas**, São Paulo, vol.39, p.11-46, jan-jun, 2011.

\_\_\_\_\_. b.Vidas transitórias. Entre os cocais maranhenses e os canaviais paulistas. **Revista da ANPEGE**, vol.7, n.1, p. 161-178, outubro, 2011.

THOMAZ JUNIOR, Antonio. Se camponês, se operário! Limites e desafios para a compreensão da classe trabalhadora no Brasil! In: THOMAZ JÚNIOR, et al. (orgs.). **Geografia e trabalho no século XXI**, vol.2, p.135-170. Presidente Prudente: Centelha, 2006.

\_\_\_\_\_. **Agronegócio alcoolizado e culturas em expansão no Pontal do Paranapanema! Legitimação das terras devolutas/ improdutivas e neutralização dos movimentos sociais**. Presidente Prudente, 2007, (mimeografado).

\_\_\_\_\_. **Dinâmica geográfica do trabalho no século XXI**. (Limites explicativos, autocrítica e limites teóricos). 2009. 997f. Tese (Livre Docência)- Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

\_\_\_\_\_. O agrohidronegócio no centro das disputas territoriais e de classe no Brasil do século XXI. **Revista Campo-território**, Francisco Beltrão, vol.5, n.10, p. 92-122, agosto de 2010.

\_\_\_\_\_. Intemperismo do trabalho e as disputas territoriais contemporâneas. **Revista da ANPEGE**, vol.7, n.1, número especial, p.307-329, outubro de 2011.

Recebido em: 06/04/2015  
Aprovado em: 24/07/2015

